

—  
PORTUGAL  
ENTRE  
PATRI-  
MÓ-  
NIOS  
—

**7#**

**PATRIMÓNIO  
INTERGERACIONAL**

**MEMÓRIA //**

**PRESENTE //**

**FUTURO //**

# PATRIMÓNIO INTERGERACIONAL

Rui Afonso Santos<sup>i</sup>

Dizem os orientais que é a nossa mente que cria este Mundo.

A ciência ocidental confirmou este saber milenar, desde os gregos antigos ao presente e, segundo os neurologistas, psiquiatras, psicólogos e outros estudiosos do funcionamento do cérebro, existem diversos níveis de realidade, e cada qual possui a sua, tal como cada qual possui a sua cultura.

O património é parte fundamental deste conhecimento, do natural ao imaterial e material, subdividindo-se este último em móvel e imóvel, como é sabido. Não sei se a Vida possui algum sentido – provavelmente não, daí o apreciar, pessoalmente, tanto o Absurdo – mas é essencial à frágil condição humana procurá-lo e atribuí-lo.

A questão patrimonial é, creio, fundamental neste processo de auto-conhecimento, e o património começa, naturalmente, por ser humano.

Dizem os praticantes das ciências ditas «exactas» (e a ciência é um processo de conhecimento em contínua evolução) que a hereditariedade joga um papel importante neste processo – cerca de cinquenta por cento, segundo as opiniões mais recentes – embora não seja fundamental, nem sequer determinante.

O meio sócio-económico e familiar – e hoje a família não é mais a proposta imperial e, afinal, burguesa da rainha Vitória – é igualmente importante, e não se pode esperar de crianças subnutridas ou providas de meios desestruturados a mesma capacidade de resposta de outras providas de meios mais afortunados.

---

<sup>i</sup> Não está escrito segundo as normas do *desacordo* ortográfico, segundo a vontade do autor

Por outro lado, a questão afectiva, exclusivamente humana, é, ao fim e ao cabo, a mais importante. Parece que também o amor e a amizade, não caem abruptamente do céu, segundo a crença romântica, mas também eles, são fruto da vontade, tendo que ser quotidianamente praticados, alimentados pelo Dar e Receber.

E aqui entramos na questão patrimonial portuguesa.

Este pequeno país possui uma assinalável variedade geográfica e humana – basta atravessar a ponte de Lisboa para Almada, e estamos, porventura, já noutra planeta sócio-cultural e mental.

Riquíssimo é o Património português que dá cartas universais em variados domínios – da poesia à prosa, da arquitectura ao urbanismo, do cinema ao design, nas áreas científicas «exactas» ou, até, em domínios que se vão desenhando e afirmando, como a dança – e digo património «português» porque ele possui, efectivamente, uma especificidade, fruto de um país que possui, para o melhor e o pior, como o diz Eduardo Lourenço, um excesso de Identidade.

Excesso porque é fruto de mais de oito séculos de História, excesso porque, por outro lado, existe uma estranha amnésia que afecta a mentalidade e provoca estranho imobilismo mental, uma espécie de contínuo recomeçar do zero.

Celebramos glória imperiais passadas e estamos, infelizmente, hoje reduzidos, materialmente, a escassas indústrias, sobretudo a canibalizante oferta turística.

Parece, que de novo, após as especiarias da Índia, o ouro e diamantes do Brasil e os fundos da CEE, novo maná caiu sobre nós, (e por quanto tempo, pois que a maior jóia patrimonial portuguesa de sempre – a Lisboa Pombalina – se encontra, infelizmente, quase totalmente descaracterizada e reduzida a pastiche medíocre em cimento, onde pululam, porta sim porta não, lojas *gourmet* ou de *souvenirs* «portugueses».



**O MUNDO MUDOU  
E NÓS, NECESSARIAMENTE,  
MUDÁMOS COM ELE**

Entretanto, novo maná se desenha – o lítio – e, também este, se encontra já tingido de sombras – delapidado o meio natural e humano, que provento tiraremos, afinal e mais uma vez, das baterias fabricadas fora de Portugal?

Parece que continuamos a não aprender com os erros cometidos no passado – tantos e tantos e, sobretudo, e dolorosamente, no passado mais recente.

É este o património natural e material que deixamos para os vindouros?

Existe uma barbárie neo-liberal à rédea solta, por cá e pelo mundo, com o incomportável preço global que se conhece. Existe, contudo, uma nova geração que nunca teve tanta informação disponível, tanto bem-estar - mau-grado os que insistem em fazer desaparecer o Estado Social -, que nunca viajou tanto, nem que seja pela net e que volta a abraçar ideais e causas humanistas - mais capacitada que a minha, sem dúvida, e não estou, de modo algum, a colocar o fardo da salvação sobre os seus ombros.

Por três vezes o Mundo esteve, no século XX, à beira da hecatombe. O bom-senso, felizmente, prevaleceu (mas a que custo incomportável!) e, creio, voltará a prevalecer – Quando? Não sei!

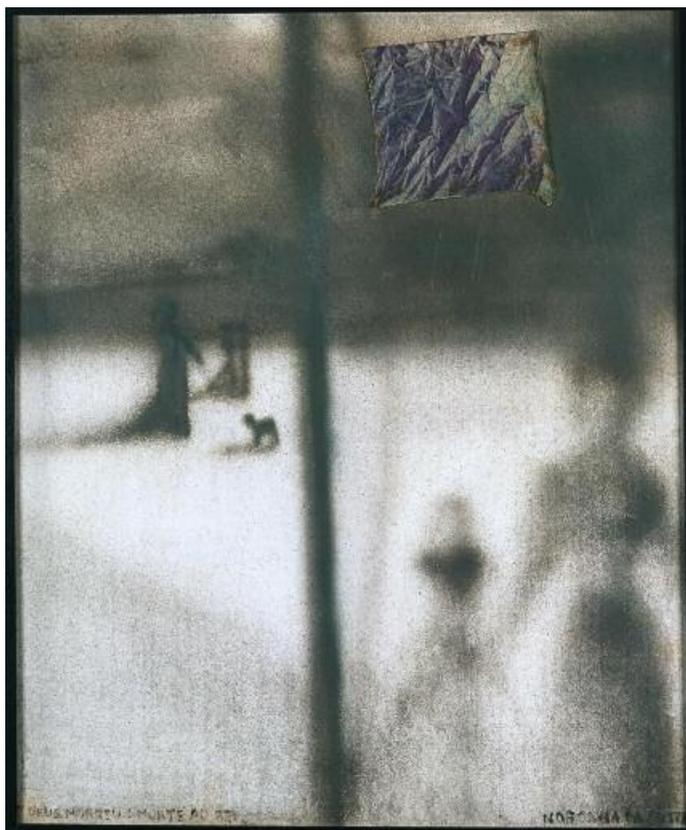
Duros anos se seguirão, sem dúvida, embora o tempo se tenha, felizmente, acelerado, por via das novas tecnologias, tornado «líquido» como o diz Bauman. O Mundo mudou e nós, necessariamente, mudámos com ele.

E se o Ocidente – e sua fabulosa herança cultural – vai estando cada vez mais reduzido, este País singular parece, apesar de tudo, alimentar esta herança – que é do domínio da tolerância, da inclusão, e naturalmente, dos afectos. Porque afinal, como bem dizia Xupéry, «o Essencial é invisível para os olhos».

*A memória é imperfeita***MEMÓRIA //**

A memória é essa claridade fictícia das sobreposições que se anulam. O significado é essa espécie de mapa das interpretações que se cruzam como cicatrizes de sucessivas pancadas. Os nossos sentimentos. A intensidade do sentir é intolerável. Do sentir ao sentido do sentido ao significado: o que resta é impacto que substitui impacto – eis a invenção.

Ana Hatherly, (2006). 120 de 463 *tisanas*. Lisboa: Quimera. pag. 67.



LUS NORONHA DA COSTA • DEUS MORREU MORTE ADEUS • SÉCULO XXI [1971] • PINTURA, ACRÍLICO E COLAGEM DE TEGIDO • Nº INVENTÁRIO 0207

*Para ver a verdade, para perder o medo\**

## PRESENTE //

Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que este presente tem várias dimensões, “o das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras”.

Enciclopédia Einaudi, (1997), Volume 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda. Pág. 294

\* Sophia de Mello Breyner Andresen. “Para atravessar contigo o deserto do mundo”



## O futuro não é um ato isolado

### FUTURO //

"O futuro chega com passinhos de pomba". Esta frase de Nietzsche é a versão poética de outra de Hegel, mais próximo dele do que é costume pensar-se: "A ideia não tem pressa". A ideia é aqui o Homem mesmo para si mesmo caminhando, menos para um Futuro que nunca terá a forma que lhe sonhamos que para um tempo que não voa como a flecha de Zenão, mas sobre si mesmo se enrola.

(...) A pior "crise de valores" é a que se não vê. Ou se vê e nos deixa indiferentes.

(...) E essa é a crise. É que nós não temos critério para distinguir o que é verdadeiramente valor do que não é. E esta é a crise, que não é uma crise por acaso, não é uma crise da cultura nem da civilização, mas é uma crise do senso, daquilo que nós somos como seres que pensam, sofrem, morrem sem saber se morrem, pensam e sentem e isso tem um sentido, ou não; a nós cabe decidir, é um problema de aposta, uma outra espécie de aposta pascaliana, aposta que nos faz viver ou morrer, somos nós, não os pais dos valores, mas os criadores dos valores ou, por não sermos capazes de os criar, as suas vítimas.

Eduardo Lourenço, 2006. À SOMBRA DE NIETZSCHE in "QUE VALORES PARA ESTE TEMPO?".  
Lisboa: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN 50 anos / GRADIVA Pág. 25 e pág.32



## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

[Portugal entre Patrimónios]

### CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO

Lúcia Saldanha

### CONSULTORIA EDITORIAL

Anabela Carvalho, Daniela Ambrósio,  
Emília Ferreira, Ruth Calvão

### APRESENTAÇÃO

Lúcia Saldanha

### TEXTOS

Carlos Ribeiro, Cristina Vaz de Almeida,  
Emília Ferreira, José Manuel dos Santos,  
Lúcia Saldanha, Maria Adelaide Ferreira,  
Rui Afonso Santos

### POSFÁCIO

Emília Ferreira

### REVISÃO DE TEXTO

Angelina Pessoa

### DESIGN GRÁFICO

António Faria

### FOTOGRAFIAS DE CAPA

Duarte Belo

### PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Digiset

### EDIÇÃO DIGITAL

[www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/  
wpcontent/uploads/2019/12/livro\\_portugal\\_entre\\_patrimonios.pdf](http://www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/wpcontent/uploads/2019/12/livro_portugal_entre_patrimonios.pdf)

### EDIÇÃO

Museu Nacional  
de Arte Contemporânea

janeiro 2020

© dos textos: os autores

© das imagens: os autores e os proprietários

© da presente edição: Direção Geral do Património Cultural-MNAC

ISBN 978-972-776-570-6

Depósito Legal: 465811/20

Nesta edição respeitou-se o acordo ortográfico, exceto nas opções expressas pelos autores ou citações de publicações existentes.

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores e não refletem necessariamente o ponto de vista do MNAC.

Este livro integra a produção editorial do projeto [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS].



Ao falar-se do [Portugal entre Patrimónios] como realidade, está-se perante uma construção em curso – singular e exploratória. Esta publicação testemunha a atenção e envolvimento do Museu Nacional de Arte Contemporânea nesta rede de infraestruturais culturais implantadas no território. Com elas, o MNAC pretende abrir caminho a novas experiências e permitir uma mais lata percepção da contemporaneidade artística e comunitária.

Este livro é uma relação possível com o real, um modelo de proximidade entre iniciativas e simultaneamente um horizonte de possibilidades no espaço geográfico nacional.

Independentemente da dimensão utópica do projeto, a memória, a atenção e o pensamento, associados à escala, ao território e ao tempo, cruzam aqui três ideias: a comunicação dialógica, o estar em grupo e o fazer com o outro.

